

O LUGAR DE FALA DA JUVENTUDE

Por *Elisane Fank e Geraldo Balduino Horn*

O Sísifo desta edição traz um pouco sobre a perspectiva do jovem e o lugar de fala da Juventude. Vale ressaltar que o NESEF (Núcleo de Estudos de Filosofia) iniciou, neste ano, encontros sistemáticos com os jovens que participaram de movimentos estudantis importantes como as “Ocupas” em 2016. As ocupações das escolas do estado do Paraná representaram um movimento que ganhou força nacional, além de ter sido a expressão da resistência juvenil frente aos retrocessos das políticas de financiamento e pedagógicas para o Ensino Médio. Significou também uma experiência fundamental, que precisa ser estudada, sobre outras formas de organização e de gestão desenvolvidas no período em que a escola estava sob a gestão dos estudantes.

Este coletivo juvenil ligado ao NESEF, por um momento foi referenciado como NESEF Jovem. Os próprios estudantes ponderaram o nome em deferência etária ao próprio NESEF e em função da possibilidade dos estudantes transitarem por dentro dos demais coletivos. Por essa razão, a partir do mês de maio/2019, o grupo passou a ser chamado de Força Jovem NESEF. O grupo é composto por jovens que desejam, não somente pensar um movimento contra hegemônico, por meio da Educação filosófica, mas seu próprio papel diante da sociedade unidimensional, a qual padroniza, não somente o consumo, mas a própria identidade humana.

Esta edição ilustra aos demais jovens e aos professores o movimento de pensamento juvenil até agora percorrido nos encontros, todos eles baseados na autogestão e na possibilidade de expressar a forma como jovem percebe a sociedade e a escola e como elabora seus fundamentos conceituais sobre elas. Este movimento se confirma no primeiro texto que define o grupo Força Jovem NESEF. De autoria das alunas fundadoras do grupo Bárbara Pricila Hostert Bezerra e Elisa Cristine Andreatta, o texto mostra, por um lado, como as relações de poder são estabelecidas pelas instituições que controlam o pensamento e doutrina e reproduzem os padrões hegemônicos da servidão e, por outro lado, como estas mesmas formas de poder e instituições criam seu próprio contraditório. Outro tema intitulado Jovem e relação de poder: recusa ou reprodução foi sistematizado aqui pelos estudantes do CEP Camila Senk, Camilla Souza e Guilherme Assunção. A matéria

retrata encontros que marcam a unidade na diversidade desta juventude. Por fim, já indicando alternativas ao modelo de gestão da democracia liberal burguesa, as integrantes Ana Clara Nunes e Magda Zani Silva apresentam o artigo quanto ao centralismo democrático e o debate da Força Jovem NESEF.

Importante ressaltar que a aproximação do NESEF com os jovens secundaristas e estudantes de licenciatura, principalmente da Filosofia, Pedagogia, História e Ciências Sociais, inicia mais intensamente em 2016 a partir da luta contra a MP 746/2016 (Reforma do Ensino Médio) e do movimento de ocupação das escolas e das universidades no Paraná e em todo o país. O texto Organizar, ocupar e resistir! O ‘lugar’ da reflexão filosófica no protagonismo dos/as estudantes-jovens paranaenses (2016) escrito por integrantes do Coletivo do NESEF expressa bem esse sentimento quando afirma que “A juventude paranaense da escola pública tem demonstrado que a Filosofia, as demais Humanidades e os, repetimos, ainda tímidos avanços na política pública educacional paranaense têm seu lugar no quadro de motivações legítimas desse fenômeno político importante e grandioso. Os/as “secundas”, conforme são popularmente chamados/as, valorizam cada conquista social alcançada e, em nome delas, tomaram para si a responsabilidade pela insurgência contra as medidas governamentais que não os/as consideram o que de fato tornaram-se, sujeitos de direitos e capazes de elaborar críticas contundentes ao contexto político.”

Este O Sísifo é dedicado a tod@s @s jovens que aspiram por uma organização social libertadora e por uma sociedade livre da exploração capitalista vigente hoje. É dedicado ao jovem militante e sonhador Guilherme Nunes, (irmão da aguerrida aluna e NESEFiana Ana Clara Nunes) que exerceu sua liberdade sobre a possibilidade de continuar ou não existindo. Que nossos jovens possam viver para ver a sociedade que lutam a acreditam e que sejam eles o terreno fértil por onde se semeia a Educação Filosófica.

*Resistir
Re existir
A um novo
Que foi tragado
Ou talvez se feito
Engolido
Diante a um neo
Que fez com que o
Sentido
Se ramificasse
Para um meio
Onde o entorno
Reverbera mecanismos
Já a tempos falidos*

*Pois o ser já não se faz
Indivíduo
Mas competidor
O empreendedor de si
Que vê o outro
Como adversário imposto
Que se observa
No espelho
Percebe que tornou-se
Meramente produto
De um mercado e
Mercadoria de si*

Camilla Sousa

“Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos, jovens amigos, não é verdade?” (Rosa Luxemburgo)

JOVEM E RELAÇÃO DE PODER: RECUSA OU REPRODUÇÃO

Por Camila Senk; Camilla Sousa e Guilherme Assunção

Integrantes do grupo Força Jovem NESEF

A característica eminente segundo a concepção de poder apresentada pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), é que o poder se dá por conta das relações, logo, sua existência se dá exclusivamente por meio disso. À medida que as mesmas acontecem, se sucede uma recusa ou reprodução. Vale citar o que o próprio Foucault fala a respeito: “Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

Com isso, partindo do pressuposto de que as relações de poder atuam em demasia na vida da sociedade, questionamos o papel do jovem nesse contexto. Podemos pensar, por exemplo, em uma estrutura como a da igreja. Existem jovens que foram inseridos desde cedo no meio religioso e reproduzem comportamentos que lhes foram ensinados, outros, porém recusaram esta suposta verdade imposta pela tradição. Pode-se perceber que em ambos os casos os jovens podem ter consciência do meio e fazer uma escolha, ou então apenas seguir sem questionar, talvez por uma suposta comodidade ilusória. Essa comodidade reproduz então, uma continuidade ao que, anteriormente, foi aceito ou negado, fazendo com que esses jovens se tomem adultos que apenas reproduzam comportamentos, sem refletir sobre o sistema ao qual foram inseridos, não questionando o entorno e meramente reproduzindo sejam discursos, comportamentos ou relações. Existe também a outra vertente, do jovem que fez a recusa e questionou aquilo que estava lhe sendo oferecido, esse pode vir a se tornar um adulto que questiona o meio ao qual pertence, que tem um pensamento crítico e que baseia suas ações a partir desse pensamento.

Há, contudo, uma certa análise na prática de quem outrora defendia a ideia de refutar ou em



reproduzir, pois a socialização é por si só a reprodução de nós mesmos, e passa de maneira sutil a influenciar no que futuramente refutamos. As

relações de poder, hoje, em si, expressam a característica fundamental de um poder sobre o outro, ou sobre o todo, tal como o poder político econômico. Para Marcuse a chamada Grande Recusa se expressa no movimento contra hegemônico, na recusa à opressão, à dominação, e, por conseguinte, na busca pela libertação do homem pelo próprio homem. Nós, jovens, neste sentido, não estamos adeptos ou estamos insatisfeitos com tal forma. Buscamos a partir de uma atitude filosófica reagir à naturalização do processo o qual se diz justo, imparcial ou até normativo.

Para a filósofa Agnes Heller, em *A Filosofia Radical* (1983), a juventude é o amor terreno da filosofia; é na juventude que se descobre e encoraja a capacidade de conhecer o Bem o Belo, o Verdadeiro; ou seja, a abertura à sede de saber, e - mesmo onde se manifesta a presença de preconceitos não ainda ossificados - a tendência a conservar aberta a via para o uso livre, autônomo da razão.

Neste sentido, a juventude vem como recusa, mostrar sua insatisfação com o meio - unidimensional - que normatiza. Sentindo-se, por sua vez, fora do padrão, o jovem se questiona, problematiza e desenvolve conhecimento. Conclui que se o padrão só é feito por quem está cego, apenas ouvindo, ou reproduzido; o sentido está em quem questiona. O jovem por si, precisa do meio ou da percepção do descolamento para se conceber, de certa forma, consciente, mesmo que aparentemente carregue a representação de louco, desajustado ou fora do padrão. Entender a si mesmo exige que todas as relações tenham respeito, caso contrário, há de se questionar ou silenciar. Ambos os caminhos são possibilidades.

QUANTO AO CENTRALISMO DEMOCRÁTICO E O DEBATE DE FORÇA JOVEM DO NESEF

Por Ana Clara (Estudante do Ensino Médio) e Magda Zani Silva (Estudante de Pedagogia)

Um dos importantes debates que o grupo concebido como a *Força Jovem NESEF* pautou durante as reuniões foi a crítica à democracia representativa e suas insuficiências no contexto da democracia liberal burguesa.

Vale ressaltar, nesta perspectiva que a concepção marxista-leninista de uma democracia centralizada não foi genuinamente pensada por dentro das relações capitalistas que vivemos. Em princípio defende-se que o proletariado só conquistará o poder se uma parte da classe trabalhadora, a mais lúcida e consciente, junto aos intelectuais capazes de superar a desorganização revolucionária, formarem um partido apto a assumir a função de vanguarda, sendo este responsável por debater e deliberar funções e ações políticas, em tese, unificadas. Cada membro deve se responsabilizar pela organização partidária, inclusive financeira, a fim de evitar que liberais imponham algum interesse particular.

Entretanto, na prática, no contexto da democracia burguesa, a ideia de um partido centralizado que “tome as rédeas” das massas, verticalizando a tomada de decisões e simplesmente trocando o opressor por um “social-opressor” não se tornou, de fato, representativa, uma vez que os órgãos de direção assumiram uma autonomia descolada das assembleias e congressos. O centralismo democrático demanda disciplina como a de um exército e democracia como a de uma assembleia de trabalhadores, pois sua sorte está ligada à sorte do movimento operário, conforme já afirmava Rosa Luxemburgo. Como exemplo, o Movimento Sem Terra baseia-se nesses princípios, sobretudo nos ideais de cooperação e elevação da cultura campesina, para que o movimento não culmine no que chamamos de centralismo burocrático.

O Centralismo burocrático é o termo associado a um modo de controle sem princípios e inconsistente do ponto de vista ideológico, porém travestido de democracia, e que ao ser ratificado institucionalmente e por lideranças políticas, não compreende a luta por uma democracia radical. Esse regime, conduzido por figuras populares e com intervenção de liberais que fingem lutar pelos interesses coletivos, enfraquece e destrói os ideais revolucionários, desmobiliza as massas e instala o desinteresse social pela política. O que nos permite afirmar que essa burocracia, ao se autodenominar como democracia, carrega consigo, como afirma Boaventura Santos, “uma enorme degradação das práticas democráticas”. Afinal, parafraseando este autor, as burocracias centralizadas, ao desconsiderarem os atores sociais, não conseguem

agregar ou lidar com o conjunto das informações necessárias para executar políticas completas nas áreas social, ambiental ou cultural.

“A liberdade apenas para os partidários do governo, apenas para os membros do partido, por muitos que sejam, não é liberdade. A liberdade é sempre a liberdade para o que pensa diferente.” (Rosa Luxemburgo)

Nossa história recente contém exemplos

marcantes apontando para o fracasso desse modo de governabilidade. Por entenderem a indispensabilidade da democracia, jovens protagonizam um verdadeiro enfrentamento às instituições que, apesar de denominadas democráticas, não respeitam os interesses coletivos desse grupo. Esse questionamento pode ser resultado do dos processos de tomada de consciência dessa geração, que pensa e age, embora coibida pelo Estado. Entender a incoerência da democracia no sistema capitalista, abrir mão do individualismo liberal e discutir em conjunto um novo projeto social que fortalece a diversidade são reflexos de uma educação emancipatória, que entende e defende o processo. Na obra *Educação e Emancipação* Theodor Adorno dizia que “a democracia repousa na vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir do seu próprio entendimento”.

O pensamento autônomo de nós jovens corrobora para a ruptura com o centralismo democrático e suas idiosincrasias - é o despertar da primavera.

FORÇA JOVEM NESEF

Por **Bárbara Pricila Hostert Bezerra** (Estudante de Filosofia da UFPR) e **Elisa Cristine Andreatta** (Estudante do Ensino Médio)

O Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino de Filosofia (NESEF) traz uma nova abertura. Com o intuito de abranger os agentes dinâmicos inseridos na problemática histórico-social atual - a geração capaz mobilizar e de realizar intervenções no *status quo*, isto é, os jovens. O grupo *Força Jovem NESEF* volta-se, não somente ao ensino de filosofia, mas ao desenvolvimento da educação filosófica. Em meio à crise conjuntural no Brasil, cujas lamentáveis consequências expressam-se em sua maioria através da alienação e do conservadorismo reacionário, por parte do senso comum, a necessidade do Filosofar e do Resistir se intensificam. Assim, a educação filosófica evidencia-se enquanto práxis, reflexão crítica de si e do outro e, a possibilidade da mudança e ruptura ante a permanência das tradições já consolidadas.

A juventude compreende de um carecimento de se questionar e de uma bagagem empírica singular e revolucionária, sendo essa estudada pelo sociólogo e filósofo alemão, Herbert Marcuse. Pois, com a cognição de como um jovem estudante busca assimilar o porquê dos valores e princípios da justiça não prevalecerem, estes percebem-se como sujeitos partícipes, atuantes e pensantes da ação social. A ideia de que ninguém luta pelo o que não entende, acentua ainda mais o movimento interno e mesmo instintivo de inconformismo dos estudantes, sendo este, o elemento fundamental para o questionamento. Esses fatores adquirem efetividade social através das reformas e do revolucionamento da sociedade, por meio do despertar da Resistência, contrapondo-se ao processo liberticida que se instala nos indivíduos.

Nesse sentido, a *Força Jovem NESEF* almeja a objetivação desta atitude filosófica, trazendo à luz do debate a inadequação, o desajuste e a “grande recusa” (termo pelo qual se intitula uma das obras de Marcuse), como formas de problematizar as incoerências, contradições e conflitos que compõem a sociedade. Logo, a partir da *Grande Recusa* e da aspiração de um movimento genuíno capaz de integrar e mobilizar novas energias heterogêneas presentes sobretudo nas

esferas marginalizadas e na parcela de trabalhadores que não se encontram anexados ao sistema, os jovens, não somente conscientes de sua singularidade exercem sua liberdade e autonomia.

Tendo em vista a necessidade de revalorizar as motivações éticas e o sentimento coletivo de repugnância frente a inumanidade, imobilização, insensibilidade e a repressão brutal com a qual a organização contemporânea e a relação hierárquica se encontram, impulsionar um movimento com esse viés, retoma e incentiva a construção da consciência crítica. Pois, o jovem está cada vez mais atrelado às relações de poder e diante da perplexidade e do confronto dessas relações as quais somos submetidos, a ação dialógica e o caráter de participação garantem voz e vez àqueles que anseiam desvincular-se da omissão.

Essa pesquisa-ação é constituída e mediada por estudantes e egressos do ensino médio, estudantes universitários e professores-pesquisadores, aspirantes a uma organicidade que busca reavivar a concretude e materialização do método dialógico vivenciado nas “Ocupas” – movimento estudantil realizado nas escolas de ensino médio em 2016 –. Trata-se de uma construção autônoma, pautada pela autogestão e pela horizontalidade, como força legitimadora de um processo que precede a institucionalização, o partidarismo e a instrumentalização do sistema. Os encontros que se encerram sem final, desenvolvem-se sem inscrições ou convenções, sem discordâncias ou concordâncias e continuam ecoando nas reflexões, muito mais que filosóficas ou sociais; encontram ressonância na experiência individual e coletiva.

Em suma, concebemos a objetivação da educação filosófica como um ato fundador para vida capaz de nos apresentar horizontes para além de uma estrutura social opressora que pretende nos aprisionar. Pois, se as estruturas de aprisionamento representam a gaiola da inflexibilidade, do conformismo e da limitação de ser, agir e pensar, nós, os jovens, tal como pássaros, atrevemo-nos a alçar voo, pois é da nossa natureza sermos livres.

